

PANDEMIA / Russos dão início à imunização em grande escala contra a covid-19 e estimam aplicar 2 milhões de doses da Sputnik V até o fim deste mês. Em cinco horas, mais de 5 mil pessoas se candidataram para receber a fórmula, disponível apenas para grupos de risco

Começa vacinação em massa

Moscou deu início à primeira campanha de vacinação em grande escala contra a covid-19. A capital russa começou, ontem, a imunizar pessoas pertencentes a grupos de risco, como profissionais da saúde e professores. As autoridades responsáveis pela campanha montaram 70 centros de imunização, espalhados pela capital, para atender a milhares de interessados em receber a Sputnik V.

De acordo com o prefeito de Moscou, Serguei Sobyarin, 5 mil pessoas já haviam se candidatado para receber a primeira dose cinco horas depois da abertura do registro on-line para a imunização. “Quero ter certeza de que o coronavírus não infectará a mim e a meus parentes (...) Quero poder ir à academia com segurança e retomar uma vida normal”, disse Serguei Bouslaïev, 42 anos, à agência France-Press (AFP), ao justificar a sua candidatura.

Segundo o site Al Jazeera, o atendimento à população foi tranquilo na estreia da imunização, que seguiu um protocolo bem definido. Nos primeiros 10 minutos, a pessoa que foi ao centro de aplicação da vacina foi submetida a um checkup, seguido de cerca de 15 minutos para o preparo do imunizante, que precisa ser mantido a -18°C. Em seguida, os vacinados ficaram em observação durante meia hora,

Kirill Kudryavt/AFP



Professores e profissionais de saúde estão entre os imunizados: 10 minutos de checkup e meia hora de observação

e só depois foram liberados.

Aqueles que receberam a primeira dose deverão voltar em três semanas para a segunda, e a estimativa é de que a imunidade total seja adquirida após 45 dias. “Estamos simplesmente cuidando das pessoas. Queremos criar imunidade coletiva. Poderíamos esperar muito tempo enquanto

todos pegam a covid-19, mas é claro que isso acarreta riscos significativos para a população”, declarou Natalia Kuzenkova, médica-chefe da Policlínica Municipal Número 68 de Moscou, à agência alemã DW. “É por isso que queremos proteger as pessoas, especialmente os setores da sociedade que não

podem se isolar”, completou.

O governo russo informou que estão previstas a produção e a aplicação de 2 milhões de doses até o fim deste ano e que a vacinação será fornecida gratuitamente. A fase atual de imunização também vai contemplar trabalhadores com mais de 60 anos, pessoas com

doenças crônicas, mulheres grávidas ou lactantes. Não há informações sobre quando a abordagem estará disponível para o público em geral.

Testes continuam

Antes do início da campanha, 100 mil pessoas foram vacinadas ao longo da semana, segundo o ministro da Saúde, Mikhail Murashko. Apesar da imunização em massa, a Sputnik V segue sendo submetida a testes. Os cientistas dedicam-se à terceira e última fase dos ensaios clínicos, com 40 mil voluntários. Tendo como base os resultados preliminares, anunciaram, no mês passado, que ela tem taxa de eficácia de 95%. Estudos detalhados sobre a pesquisa, porém, ainda não foram divulgados em revistas científicas, como tem ocorrido com as outras fórmulas em desenvolvimento.

A Rússia foi o primeiro país a registrar a vacina contra o Sars-CoV-2, em agosto, antes mesmo do início dos testes clínicos em larga escala. A falta de divulgação de dados levou a comunidade científica a ficar receosa com o início da imunização. Ilya Grashchenkov, cientista político e chefe do Centro para o Desenvolvimento da Política Regional da Rússia, chama a atenção para a faceta política da corrida pela fórmula que impedirá a infecção

pelo coronavírus. “A vacinação pode ser comparada com a corrida espacial (...) O principal é reivindicar ser o primeiro — o primeiro país a produzir uma vacina e o primeiro a começar a vacinar as pessoas”, declarou à agência DW.

Os russos entregaram amostras da fórmula a países como Hungria, Sérvia e Venezuela, enquanto negociam acordos de produção com Índia e China. Ao mesmo tempo, lidam com o aumento nos casos da doença. Ontem, o país registrou 28.782 novas infecções em 24 horas, novo recorde diário, elevando para 2.431.731 casos desde o início da pandemia — a quarta posição no ranking de infectados.

Reino Unido

Nesta semana, outros países deverão dar início a campanhas de vacinação. O Reino Unido co-meçará a proteger a população do Sars-CoV-2 a partir de terça-feira, usando a fórmula desenvolvida pela empresa americana Pfizer.

O mesmo imunizante deve ser usado pelos Estados Unidos a partir de sexta-feira. O país mais atingido pelo coronavírus também avalia o uso da vacina da Moderna e deve liberar a aplicação dessa fórmula também neste mês. Desde o início da pandemia, os EUA registraram mais de 14 milhões de casos da doença e 279 mil mortos.

FRANÇA

Marcha pelas liberdades termina com violência

O segundo fim de semana de protestos contra a violência policial e o plano de segurança apresentado por Emmanuel Macron transformou, mais uma vez, as ruas de Paris em um campo de batalha. A marcha pelas liberdades reuniu cerca de 5 mil pessoas e começou pacífica na zona norte da capital. Ao longo do dia, porém, confrontos com a tropa de choque resultaram em carros incendiados, lojas quebradas e dezenas de pessoas detidas, segundo o Ministério de Interiores.

Os protestos ganharam maior proporção na capital, mas ocorreram cerca de 90 marchas pelo país. Em Nantes, ao oeste, um policial ficou ferido ao ser atingido por um coquetel molotov — ao todo, oito agentes se feriram ontem, de acordo com o governo. “Os desordeiros estão destruindo a República”, tuitou o ministro de Interiores, Gérald Darmanin. “Apoio nossos policiais e gendarmes, novamente atacados com muita violência”, acrescentou.

A onda de protestos tomou as

ruas da França depois que o governo apresentou um projeto que restringe a divulgação de imagens de policiais trabalhando, o que, para os críticos, pode dificultar a responsabilização de agentes por excessos e crimes cometidos. Além disso, há suspeitas de que a lei de “segurança global” vai estabelecer “ferramentas de vigilância em massa” e comprometer as liberdades de expressão e de manifestação.

Racismo

Outros dois casos polêmicos ocorridos no fim do mês passado acirraram o clima de insatisfação: o espancamento de um produtor negro por policiais brancos e a evacuação de um acam-

pamento de migrantes no centro de Paris. Os protestos de ontem foram tomados por faixas com dizeres do tipo “França, terra dos direitos da polícia” e “Todo mundo odeia a polícia”.

O partido do presidente comprometeu-se a reescrever parte do projeto de lei, e Emmanuel Macron planeja lançar, em janeiro, uma plataforma nacional para denunciar a discriminação. Ele criticou atos de violência cometidos tanto por policiais quanto por manifestantes e reagiu às acusações de estar multiplicando medidas “liberticidas”. “Não posso permitir que digam que estamos reduzindo as liberdades na França. É uma grande mentira. Não somos a Hungria nem a Turquia”, disse ao portal on-line Brut.

Geoffroy Van Der Hasselt/AFP



Confrontos ocorreram na capital pelo segundo sábado consecutivo



PAULO DELGADO

contato@paulodelgado.com.br

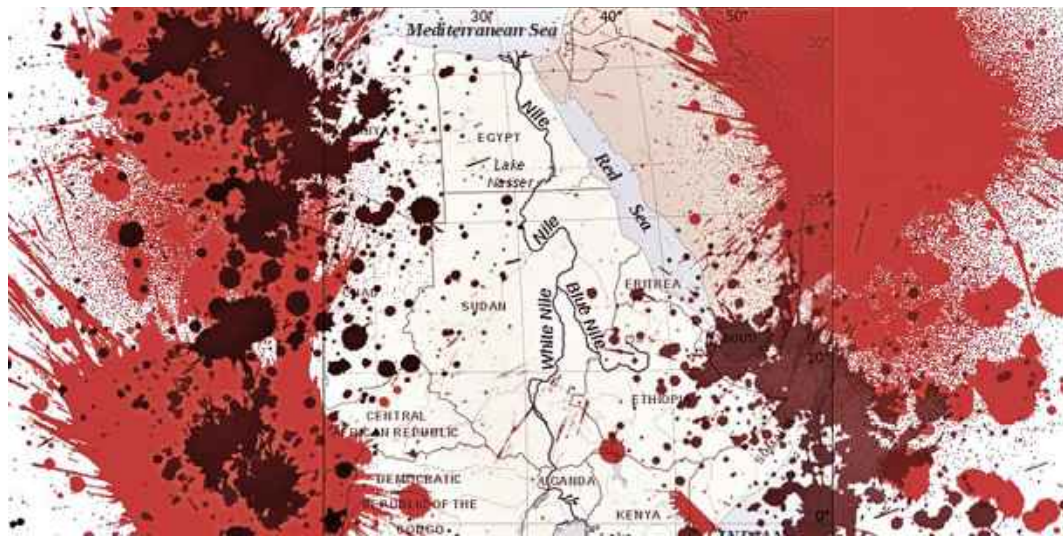
Com Henrique Delgado

TRISTE HISTÓRIA NA ETIÓPIA

O Nilo Azul nasce num gigantesco lago no norte da Etiópia, a uns 750 quilômetros do mar. Entre o Lago Tana e o Mar Vermelho, o planalto da Etiópia se impõe de tal maneira que o Nilo Azul, ao invés de seguir o caminho mais curto para o mar, escoa majestoso continente adentro, curvando-se, eventualmente, rumo ao norte, numa jornada ao encontro do Nilo Branco que consome o dobro da distância de sua nascente até o mar mais próximo (cerca de 1.500 quilômetros). Dali, somadas às águas do Nilo Branco que vêm de ainda bem mais ao sul, o Nilo corta o Sudão e o Egito, em paralelo ao Mar Vermelho, até finalmente desaguar no Mediterrâneo. Uma jornada teimosa desse rio de milhares de quilômetros, rasgando a terra seca, que transportou boa parte da história da humanidade ao longo dos milênios.

Uma humanidade, que, vira e mexe, fica aquém dos melhores anjos de sua natureza. Na fascinante Etiópia, país de culturas milenares, de nove locais considerados patrimônio da humanidade, dos quais três ficam na região do Lago Tana. Pois é nesta terra histórica que mais uma guerra desestabiliza a vida das pessoas.

O foco do conflito se dá na região de Tigré, terra do povo tigrino, e que fica na fronteira da Eritreia, país que tem uma história comum com a Etiópia. O nordeste da África, onde hoje estão Sudão, Eritreia, Djibuti, Somália e Etiópia, é uma região de fronteiras porosas, de povos que vivem através delas desde antes de serem constituídas. Há, tam-



bém, a dinâmica dos estranhamentos internos entre povos que compartilham a mesma fronteira e que acaba sobrando para o mais fraco, como é o caso da violência contra o povo tigrino.

Karl Deutsch, que no século 20 pesquisou, com influência, as questões sobre guerra e paz na humanidade, quando indagado sobre os efeitos de certos nacionalismos na criação de guerras, lembrava a ironia europeia — continente que ajudou a criar a confusão atual africana — de que uma nação nada mais é do que “um grupo de pessoas unidas por um equívoco comum a respeito de suas ancestralidades e um despreço comum por seus vizinhos”. Seja dentro de uma geração, ou através de várias décadas ou séculos, povos e nações são acaso de migrações. Muitas delas justamente causadas por conta de círculos viciosos de conflitos. Como é o caso do que

aprisiona o potencial etíope numa situação ruim de continuadas desavenças demarcadas por sotaque, língua e hábitos culturais.

Era outono de 1943 quando as forças italianas, exauridas, abandonaram a guerra de guerrilha que, desde 1941, impunham ao solo etíope. No mesmo outono na Europa, a Itália fascista tinha sido reduzida à infame República de Salò. Quando o Estado italiano perdeu Gondar, em 1941, próxima ao Lago Tana e sua última capital da desastrosa e anacrônica aventura imperialista italiana na África, ainda ficaram por ali, aterrorizando a população, por mais dois anos, valendo-se do relevo que é propício à guerra de línguas.

No Tigré, o povo fala a língua tigrina, a mais comum na fronteira Eritreia. Em 2018, Abiy Ahmed assumiu o poder na Etiópia e vinha conseguindo

resolver uma série de problemas pontuais que atormentavam o segundo país mais populoso da África, dando um fim à guerra que travava com a Eritreia. Ganhou um festejado e esperançoso Nobel da Paz por isso, mas, agora, suas forças oficiais estão em sangrento conflito com os tigrinos dentro de sua fronteira.

Membro do maior grupo étnico do país, os oromos, Abiy, filho de um muçulmano com uma cristã, terá que se esforçar ainda mais para pacificar as ciências e superar birras assentadas em séculos de rivalidade tribal. Meles Zenawi, membro dos tigrinos, governou com mão-de-ferro a Etiópia até 2012, ficando famoso por duas coisas: ser um dos mais autoritários e repressivos governantes da África, enquanto recebeu, só em 2010, US\$ 3 bilhões de ajuda do Reino Unido, dos EUA e do Banco Mundial. Abiy precisa ser melhor do que isso, depois de condecorado por antecipação. Não dá para a Etiópia viver refém dessa sucessão de violências e autoritarismos.

Por esses dias, à ONU foi garantida, pelo governo etíope, sua presença desimpedida na região do Tigré para tratar dos refugiados. As lideranças oromo e tigrinas bem poderiam entrar em acordo que impeça o conflito de se perpetuar em guerrilha por anos a fio.

Um acordo qualquer de boa convivência. Alguma coisa minimamente inspirada na *História de Rasselas, Príncipe da Abissínia*, antigo nome da Etiópia, uma história emocionante escrita por Samuel Johnson há mais de 200 anos, na qual ele exorta as pessoas a sempre buscarem algo além do que a vida impõe. E adverte aos poderosos: a glória de ter poder sobre a miséria é a pior piada do mundo.

PAULO DELGADO - Sociólogo
contato@paulodelgado.com.br